



A pneumatologia como fundamento teológico do diálogo inter-religioso para as Assembleias de Deus no Brasil

Pneumatology as theological foundation of the inter-religious dialogue for the Congregation of God in Brazil

Adriano Sousa Lima*

Resumo

As Assembleias de Deus representam o pentecostalismo clássico, que teve início no Brasil, no ano de 1911, tendo como base a experiência do Espírito e de seus dons. Hoje, essas igrejas somam mais de 15 milhões de membros e a doutrina sobre o Espírito Santo continua sendo uma das suas bases mais importantes. O Brasil de hoje, diferente de 1911, é um país pluralizado na sua cultura e na manifestação religiosa. Diante desse contexto, o diálogo entre as religiões é um imperativo fundamental no Brasil. O Espírito Santo, promove a unidade, o diálogo, a convivência e a amizade entre os diferentes. É o Espírito que sopra vida e comunhão em lugares diversos. Por essa razão, o Espírito pode ser base, para os assembleianos, para um diálogo entre as diferentes religiões. Assim, a pesquisa tem como objetivo fundamental, em função das Assembleias de Deus, o diálogo inter-religioso a partir da doutrina do Espírito Santo. Para isso, buscará extrair da pneumatologia elementos que contribuam para repensar a teologia pentecostal das assembleias de Deus, a fim de introduzi-las no diálogo inter-religioso. A partir da metodologia de análise bibliográfica, ficarão claras as conclusões seguintes: o Espírito Santo está presente em todo ser humano; o cuidado com o meio ambiente, a busca pela justiça e pela paz, são aspectos pneumatológicos comuns a todos os cristãos e pertinentes a diferentes tradições religiosas. O Espírito promove amizade e comunhão entre os seres humanos; em termos concretos, o resultado é a convivência harmoniosa entre pessoas de diferentes tradições religiosas. Assim, é possível concluir a fecundidade da pneumatologia como fundamento para o diálogo inter-religioso nas Assembleias de Deus.

Palavras-chave: Assembleias de Deus. Pneumatologia. Diálogo inter-religioso.

Abstract

The Assemblies of God represent the classic Pentecostalism that initiated in Brazil in 1911, its ground is the experience of the Spirit and its gifts. Nowadays, these churches gather about 15 million members and the doctrine on the Holy Spirit continues one of their most important basis. However, hodiernal Brazil is different than the one of 1911, it is currently a plural country in its culture and religious manifestations. Therefore, the dialogue among religions is a fundamental imperative in Brazil. Since the Holy Spirit promotes unity, dialogue, conviviality and friendship among the different ones and that it is its breath that gives life and communion, for the Assemblies of God members, the Spirit may be the ground for a dialogue with different religions. Thus, the objective of this search is to set the foundation of the inter-religious dialogue in the Holy Spirit. In order to accomplish it, elements that may contribute to rethink Pentecostal theology in the Assemblies of God regarding to inter-religious dialogue are drawn from Pneumatology. Based on a bibliographical analysis some conclusions become clear: the Holy Spirit is present in all human beings; Environmental care, the seek of justice and peace are Pneumatological aspects common to all Christians and relevant to different religious traditions. By saying that the Spirit promotes friendship and communion among humans it may result in harmonious conviviality among the people of different religious traditions. So, it is possible to conclude the fecundity of the Pneumatology as the foundation of inter-religious dialogue in the Assemblies of God.

Key-words: Assemblies of God. Pneumatology. Inter-religious dialogue.

Artigo submetido em 16 de abril de 2017 e aprovado em 16 de agosto de 2017.

* Doutor em Teologia (PUCPR), professor de Teologia no Centro Universitário Internacional (UNINTER); na Faculdade Teológica Batista do Paraná (FABAPAR); e na Faculdade Cristã de Curitiba (Faculdade das Assembleias de Deus em Curitiba). País de Origem: Brasil. E-mail: adriano.lima.66@hotmail.com

Introdução

O presente artigo refletirá sobre o tema “A pneumatologia como fundamento teológico do diálogo inter-religioso para as Assembleias de Deus¹ no Brasil”.

As igrejas assembleias de Deus são, hoje, a maior igreja evangélica do Brasil. Com mais de cem anos, manteve em geral uma postura fechada ao diálogo com outras igrejas cristãs, bem como com outras tradições religiosas. Na literatura de formação dos seus membros, é possível encontrar textos atribuindo ao diabo os movimentos que buscam a unidade dos cristãos e a unidade entre diferentes religiões. Essa perspectiva de aversão ao diálogo permanece até os dias atuais. Passado o seu primeiro centenário, não constam nos registros de sua história textos que afirmem o diálogo entre as igrejas cristãs e entre as religiões. A participação de pastores assembleianos em atividades ecumênicas é objeto de proibição estatutária nas duas maiores convenções: a CGADB e a CONAMAD².

A relevância da presente pesquisa está na sua originalidade e no seu empenho em propor uma mudança paradigmática para uma comunidade com mais de 15 milhões de membros. Esse primeiro passo deverá constituir-se o início de um caminho que poderá ter significantes mudanças em diversas áreas, a saber: nas Assembleias de Deus no Brasil, abrindo-as para o diálogo inter-religioso; na teologia pentecostal, na medida em que essa teologia estará aberta para dialogar com outras teologias; na sociedade brasileira, na medida em que membros dessas igrejas terão uma postura de tolerância e respeito com outras tradições religiosas, sobretudo com as religiões de matriz africana; na política, na medida em que os líderes e membros da comunidade assembleiana terão posicionamentos políticos pautados no reconhecimento da democracia, dos direitos humanos e da liberdade

¹ É importante destacar que não existe UMA igreja com o nome Assembleias de Deus, mas diversas; e existe uma denominação (a maior do Brasil) com esse nome no plural.

² O artigo 9º. do Estatuto da CGADB, com o título “É vedado aos membros da CGADB” diz claramente no parágrafo IV – “vincular ao movimento ecumênico”. O Estatuto da CONAMAD muito parecido com o da CGADB, diz no “artigo 13 – Das vedações do membro”, parágrafo IV “Vincular-se a movimento de cunho ecumênico que venham ferir os princípios da Bíblia Sagrada; do Credo Doutrinário, do Código de Ética Ministerial e da Carta de Princípios Doutrinários da CONAMAD”.

religiosa. Como se vê, a relevância dessa pesquisa coloca-se no tríplice horizonte: da comunidade, do universo acadêmico e da sociedade brasileira.

O tema da possibilidade de o movimento pentecostal entrar no diálogo inter-religioso está apenas em fase inicial em contexto evangélico pentecostal no Brasil. Até o presente momento, pelo que se tem registrado no estado da arte, apenas a tese de doutorado do teólogo pentecostal David Mesquiati, defendida no ano de 2013, na PUC Rio, que tratou do tema “O agir de Deus nos Andes: diálogo e missão com os quéchuas”. Mesquiati assume a inculturação da fé como elemento teológico chave da sua tese. A tese está publicada sob o tema “Diálogo e missão nos Andes”. Trata-se de um texto relevante no contexto dessa pesquisa, uma vez que é uma proposta de diálogo desde o *ethos* pentecostal com as religiões indígenas.

Ainda sobre o tema, uma dissertação de mestrado, defendida em 2011 na PUC Minas, refletiu sobre essa temática. É o trabalho de Ariadna de Oliveira, intitulado *DISCURSO PENTECOSTAL E DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO: Um estudo sob a perspectiva da Metáfora Conceptual*. Embora a autora tivesse como objeto de estudo o mesmo dessa pesquisa, a saber, o diálogo inter-religioso no pentecostalismo, sua perspectiva foi completamente diferente da adotada nesta tese. A de Ariadna foi a metáfora conceitual como caminho para o diálogo inter-religioso, enquanto a presente pesquisa vai partir do coração da doutrina pentecostal, a saber, a doutrina do Espírito Santo (pneumatologia), para fundamentar o diálogo inter-religioso. O mesmo pode ser dito sobre a tese de Mesquiati; este, assume a inculturação da fé como chave teológica para o diálogo com os quéchuas. No âmbito acadêmico, não há registro de nenhum estudo realizado até o momento partindo dessa perspectiva, e isso em nenhuma tradição evangélica, nem protestante nem pentecostal. Para efeito de registro, isso não se dá sequer entre os carismáticos católicos. Assim, esta pretende ser uma pesquisa original, inédita e sem precedentes. Quer estar comprometida na solução dos problemas oriundos da intolerância religiosa (assunto de tamanha relevância no contexto brasileiro, que foi inclusive tema da redação do ENEM, no ano de 2016),

para uma postura dialógica no contexto pentecostal, para a consolidação da liberdade religiosa no Brasil, para o diálogo e entendimento pacífico entre as religiões que, juntas, podem caminhar em busca da verdade e da promoção humana. Por essa razão, esta pesquisa não deixa de ter sua importância para a Teologia, para a academia, bem como para a sociedade democrática brasileira.

Partimos do seguinte dado de fé: o Espírito Santo (que é Deus) não está preso a nenhuma igreja em particular, mas está *em missão*, atuando nos membros de outras tradições religiosas e influenciando-os de maneira misteriosa. Deus não pertence a nenhuma tradição religiosa, mas se doa ao máximo em todas elas. Como bem lembra o teólogo americano e assembleiano Amos Yong (2005, p. 236), “as religiões não são acidentes da história, mas instrumentos de trabalho do Espírito Santo, a partir dos propósitos divinos no mundo”.

A partir da perspectiva pentecostal, o artigo propõe como hipótese a doutrina do Espírito Santo como fundamento do diálogo inter-religioso para as assembleias de Deus brasileira. Serão analisados temas fundamentais na pneumatologia, sob a perspectiva de autores de diferentes confissões cristãs que podem ser fundamentos sólidos para uma introdução dos pentecostais das Assembleias de Deus no diálogo das religiões. O diálogo produz paz, harmonia, conhecimento, amizade, comunhão. O diálogo produz respeito, compreensão e unidade. O diálogo, quando bem construído, conduz seus participantes ao caminho da verdade maior.

1 Cultura e Diversidades

A diversidade cultural provoca a diversidade religiosa. Diversidade aqui tem a ver com pluralismo, portanto, inicialmente, vale destacar uma simples definição do termo pluralismo:

(in. Pluralismo fr. Pluralisme; ai. Pluralismus; it. Pluralismo). 1. A partir de Wolff, este termo foi contraposto a egoísmo (v.) como "a maneira de pensar em virtude da qual não se abarca o mundo no eu, mas nos consideramos e nos comportamos apenas como cidadãos do mundo" (Kant. Anlr., I, § 2). Mas enquanto o termo egoísmo continuou designando uma atitude moral, visto que, para a doutrina metafísica correspondente, prevaleceu solipsismo (v.), o termo P., no uso que dele se fez em seguida, assumiu um significado metafísico, passando a designar a doutrina que admite pluralidade de substâncias no mundo. A expressão típica dessa doutrina é a monadologia de Leibniz, e foi neste sentido que o termo voltou a ser usado por alguns espiritualistas modernos (J. Ward, *The Realm of Ends or Pluralism and Theism*, 1912; W. James, *A Pluralistic Universe*, 1909). James insistiu particularmente na exigência proposta pelo P.: a de não considerar o universo como massa compacta, em que tudo está determinado no bem ou no mal e não há lugar para a liberdade, mas sim como uma espécie de república federativa na qual os indivíduos, apesar de solidários entre si, conservem autonomia e liberdade. O universo pluralista, segundo James, é um pluriverso ou multiverso; sua unidade não é a implicação universal ou integração absoluta, mas continuidade, contigüidade e concatenação: é uma unidade de tipo sinequia, no sentido atribuído a esta palavra por Peirce (*A Pluralistic Universe*, p. 32[^]). Um universo assim distingue-se do universo monadológico de Leibniz justamente pelo caráter não absoluto nem necessitante da unidade que o constitui. Até mesmo Deus no universo pluralista, é finito. 2. Na terminologia contemporânea, designa-se freqüentemente com este nome o reconhecimento da possibilidade de soluções diferentes para um mesmo problema, ou de interpretações diferentes para a mesma realidade ou conceito, ou de uma diversidade de fatores, situações ou evoluções no mesmo campo. Assim, fala-se em "P. estético" quando se admite que uma obra de arte pode ser considerada "bela" por motivos diferentes, que nada têm a ver um com o outro; fala-se em P. sociológico quando se admite ou se reconhece a ação de vários grupos sociais relativamente independentes uns dos outros (ABBAGNANO, 2012, p. 765).

O termo “pluralismo” é definido como possibilidade de interpretação diferente para uma mesma situação. Nesse sentido, é fundamental refletir sobre o conceito de “cultura”. O antropólogo americano Clifford Geertz começa a sua clássica obra *A Interpretação das Culturas* apresentando “uma descrição densa” do termo. Para Geertz, “o pantanal conceitual para o qual pode conduzir a espécie de teorização sobre cultura é evidente naquela que ainda é uma das melhores introduções gerais à antropologia, o *Mirror for man*, de Clyde Kluckhohn”. Por essa razão, Geertz sintetiza do seguinte modo a vasta pesquisa de Kluckhohn sobre o conceito de cultura, realizada mediante 126 diferentes definições: cultura é o modo de vida global de um povo; o legado social que o indivíduo adquire de seu

grupo; uma forma de pensar, sentir e acreditar; uma abstração do comportamento; uma teoria, elaborada pelo antropólogo, sobre a forma pela qual um grupo de pessoas se comporta realmente; um celeiro de aprendizagem em comum; um conjunto de orientações padronizadas para os problemas recorrentes; um comportamento aprendido; um mecanismo para a regulamentação normativa do comportamento; um conjunto de técnicas para se ajustar tanto ao ambiente externo como em relação aos outros homens; e uma sedimentação da história (GEERTZ, 1989, p. 14).

A cultura, disse Edward Tylor, é uma totalidade complexa que abrange conhecimento, crença, arte, costume e quaisquer capacidades adquiridas pelos seres humanos como membro da sociedade (TYLOR, 1871, p. 1). O teólogo alemão Paulo Suess, que muito se dedicou aos estudos sobre o tema da inculturação, ao definir o conceito “cultura”, afirma também que o mesmo envolve a “globalidade da vida e de cada grupo humano” (SUESS, 1991, p. 46). Já o teólogo jesuíta Mário de França Miranda, na obra *A inculturação da Fé*, citando Gallagher, recorre a algumas imagens e descreve cultura como um oceano que nos envolve como peixe na água; o ar que respiramos, que pode ser puro ou poluído; uma lente através da qual vemos, sem percebermos que não é o único modo de ver; um útero, no qual nos sentimos perfeitamente bem, sem saber que existem outros mundos; um menu existencial, já pronto ou à escolha, cada modalidade com seus limites; um parque recreativo de possibilidades, convidando-nos a uma liberdade criativa; um horizonte sempre atual, além do qual não podemos ver (MIRANDA, 2001, p. 46). Os teóricos aqui mencionados foram escolhidos de forma proposital, afim de demonstrar que o conceito de cultura passa, de fato, por uma ampla e densa construção.

1.1 Reconhecimento do Pluralismo Cultural

A humanidade é única e singular, cada cultura particular tem seu valor. Há, contudo, valores universais: científicos, éticos (ex. direitos humanos), mesmo

institucionais (democracia), e religiosos, que em princípio são para todos, especialmente o Evangelho. A ciência antropológica oferece valiosa contribuição ensinando a aversão ao fanatismo etnocêntrico, quer este proclame a superioridade racial, quer alardeie a sua cultura como a única válida. O professor de filosofia da PUC do Rio Grande do Sul, Reinhold Ullmann, em sua obra *Antropologia filosófica*, afirmou que uma das grandes lições a ser tirada da Antropologia Cultural é uma atitude de simpatia para com o relativismo cultural (ULLMANN, 1983). Evidentemente, esse “relativismo cultural” deverá ser equilibrado e não dogmático.

A atual sociedade (inclusive a brasileira) é caracterizada pelo pluralismo cultural. Os sociólogos americanos Berger e Luckmann definem o pluralismo como situação na qual existe uma concorrência entre os diversos universos simbólicos ou significações globais da realidade e suas respectivas instituições, todas procurando dar sentido e estruturação à vida de cada dia (BERGER; LUCKMANN, 2012). Ao contrário das sociedades tradicionais, onde a interpretação global detinha a hegemonia e estruturava a vida social, a sociedade moderna é marcada pela pluralidade de interpretações.

A partir da emancipação dos diversos setores da sociedade, fragmentou-se o universo simbólico unitário do passado. Tal fragmentação exige em seu contexto autônomo o reconhecimento de interpretações eminentemente multifacetadas. Nesse aspecto, o teólogo Mário de França Miranda está de acordo quando menciona que os inúmeros setores da sociedade hodierna dispõem cada um deles de inteligibilidade e normatividade próprias e apresentam interpretações particulares da realidade (MIRANDA, 1989, p. 11).

A vida em sociedade nos seus diversos aspectos exige um crítico reconhecimento do pluralismo cultural. No passado, como revela a história, era excluído da convivência social todo aquele que pensava e vivia diferente. Hoje isso não é mais possível. O reconhecimento é a chave hermenêutica para a erradicação dos extremos casos de etnocentrismo que sempre resultaram em conflitos sociais (LARAIA, 1991, p. 72-73).

Como já é consenso, não existe uma cultura completa em todos os seus aspectos. A cultura judaica, islâmica, hindu, confucionista, africana, indígena e todas as demais são incompletas. Aqui também reside um fator de afirmação do pluralismo cultural (HOFFMANN, 2003, p. 63). A partir da consciência da sua incompletude, uma cultura se abre para o diálogo com as outras culturas. É exatamente nessa relação dialogal das culturas que acontece a complementação umas das outras. Portanto, o pluralismo não apenas está estabelecido como fator cultural, mas é critério indispensável para a promoção humana.

Para o campo teológico as implicações do pluralismo cultural são muitas. É consenso que “não há teologia fora de uma inscrição na história e na cultura” (GEFFRÉ, 2013, p. 26). Portanto, a teologia produzida dentro do contexto de pluralismo cultural não poderá ficar à margem da demanda. Essa demanda deverá ser, por um lado, crítica e criativa e, por outro lado, construtiva e desconstrutiva. Por razões de herança cultural com raízes arcaicas, tem-se a tendência de hierarquizar as diferenças, valorizando uns mais e outros menos. O teólogo francês Claude Geffré lembra que o mito de Babel, a diversidade das línguas e, portanto, das culturas, está essencialmente sob o signo da ambiguidade em relação ao desígnio único de Deus (GEFFRÉ, 2013, p. 135). O teólogo norte-americano David Tracy chama atenção para o fato de que “numa cultura historicamente consciente, o fato do pluralismo cultural é reconhecido e afirmado” (TRACY, 2006, p. 150-151). Por isso a mensagem de libertação que a teologia cristã propõe deve passar pelo reconhecimento das riquezas culturais que estão além do nosso olhar. É preciso afirmar e reconhecer o pluralismo para que a mensagem do Evangelho seja uma mensagem de vida abundante.

1.2 A pluralidade cultural do Brasil

A conhecida canção popular brasileira descreve o Brasil como “um país tropical, abençoado por Deus e bonito por natureza”. A essa forma exótica de representar o país poderia se acrescentar que o Brasil é um país plural. A cultura

brasileira não é homogênea, unitária, coesa ou cabalmente definida por essa ou aquela qualidade mestra, mas possui uma identidade nacional aberta, relacional e multifacetada (BOSI, 1992, p.7). As muitas faces do Brasil demonstram que está estabelecido há muito tempo o pluralismo cultural nesse país.

O grande intelectual brasileiro Gilberto Freire começa a sua obra *Brasil, Brasis Brasília* com as seguintes palavras:

Houve um tempo em que na imprensa inglesa o Brasil apareceu mais como o “os Brasis” do que como “o Brasil”. Reconhecia-se assim um pluralismo que de fato era característico da situação brasileira sem que, entretanto, deixasse de haver entre nós uma unidade nacional que contrastava com a fragmentação da América Espanhola em várias e turbulentas repúblicas, inimigas de morte umas das outras. Os chamados “Brasis” formavam politicamente um império; e social e culturalmente um sistema de convivência em que a unidade e a diversidade se completavam. Tinha esse sistema a língua portuguesa por principal expressão de sua unidade e os contrastes regionais de predominância étnicas – o ameríndio na Amazônia, o branco no Sul, o negro na Bahia – eram as afirmações mais ostensivas de sua diversidade ou pluralidade étnica. Étnica e cultural (FREIRE, 1968, p. 35).

Para Freire, no Brasil está presente a dialética da unidade na pluralidade. Somente assim é possível entender a cultura brasileira. O autor enfatiza que essa combinação “trata-se de uma das combinações sociologicamente mais expressivas, de unidade na pluralidade, que o mundo moderno conhece” (FREIRE, 1968, p. 35). O Brasil é ao mesmo tempo conhecido pela diversidade dos seus traços culturais e por algumas características singulares. Na mesma obra Freire afirmara que

No Brasil, havendo uma mística de abasileiramento, sob a forma de um também quase irresistível luso-abasileiramento (que entre nós parece vir significando principalmente a adoção, por adventícios de outras procedências, além de portuguesa, de métodos ou de técnicas de adaptação do europeu ao trópico americano, já desenvolvidas com êxito pelo luso brasileiro), há, por outro lado, uma tradição atuante no sentido de se conservarem, ou de se desenvolverem, dentro da mística de abasileiramento, variações regionais de culturas associadas a predominâncias étnicas regionalmente diversas: a do ameríndio, na Amazônia; a do italiano, em São Paulo e no Rio Grande do Sul; a do alemão, em Santa Catarina; a do polonês, no Paraná, a do africano, na Bahia. Através dessas predominâncias, regionalmente diversas, de étnica e

cultura – ou da tradição delas – vários Brasis se fazem sentir dentro de um só Brasil, já bastante seguro de sua singularidade como sistema nacional de convivência, para temer semelhantes variações. Ao contrário: elas – e mais a japonesa, a síria, a libanesa, a húngara – são hoje antes estimadas que lamentadas pelo brasileiro: pelo brasileiro médio e não apenas pelo superior em inteligência política ou em saber sociológico. A estrangeiros ilustres que ultimamente tem visitado o Brasil não vem escapando o fato de ser o nosso país uma nação ao mesmo tempo una e plural. Um Brasil, e ao mesmo tempo, vários Brasis. E em semelhante combinação parece-lhes haver antes vantagem que desvantagem para o desenvolvimento, entre nós, de uma cultura pluriregional. Uma cultura de que Brasília seja a cúpula, reunindo em seu modo novo, mas não – livre-nos Deus – incharacteristicamente internacional, de ser a cidade, a expressão do que há na sociedade e na cultura brasileira, de étnica e regionalmente diverso, vários, plural (FREIRE, 1968, p. 36-37).

Para o então professor de Literatura Brasileira da Universidade de São Paulo, Alfredo Bosi, a cultura brasileira não possui uma única matriz que rege comportamentos e discursos. Dessa forma, a admissão de seu caráter plural é um passo decisivo para compreendê-la como efeito de sentido que resulta de um processo de múltiplas interações e oposições no tempo e no espaço. O convívio entre diferentes culturas no Brasil é muito perceptível, desde as velhas culturas ibéricas, indígenas e africanas até as mais recentes, como italiana, alemã, judaica, japonesa, entre outras (BOSI, 1992, p.7).

A pluralidade cultural brasileira, vivenciada na arte, linguagem, nos estilos e valores, é dinâmica, viva e está em fluxo. Por isso, a diversidade de expressões religiosas e artísticas da sua população se estabelece como fator fundamental e indispensável para a afirmação de um país inteligível e reconhecido.

1.3 Pluralismo Religioso no Brasil

Para falar da pluralidade brasileira de forma abrangente é preciso mencionar as questões religiosas, já que o país nasceu com “a bênção de Deus”, especificamente, no dia 21 de abril de 1500, quando Frei Henrique de Coimbra celebrou a “primeira missa” no que é hoje a cidade de Porto Seguro. O brasileiro é de fato religioso e isso reflete em sua vida cotidiana, na capacidade de expressão de múltiplas formas de fé religiosa, de modo que suas condutas e crenças religiosas

constituem parte fundamental do ethos da cultura brasileira. Assim, os acontecimentos históricos sempre estiveram em correlação indisfarçável com as questões religiosas. Em seu clássico *Casa-grande & Senzala*, Gilberto Freyre afirma que o “Brasil formou-se, despreocupado com os seus colonizadores da unidade ou pureza de raça”. Segundo o autor, diferentemente dos anglo-saxões, que consideravam o indivíduo de sua raça o que possuía a mesma compleição física, o português considerava como seu igual aquele que professava a religião católica. O mesmo autor conclui que justamente por isso é “tão difícil, na verdade, separar o brasileiro do católico”, pois “o catolicismo foi realmente o cimento da nossa unidade” (FREYRE, 2006). A grande questão é que essa “unidade” foi construída com o assalto da cultura autóctone indígena e com a “desafricanização” dos negros que, mesmo sendo “abrasileirados” nas opressoras senzalas, valeram-se dos mesmos espaços como ilhas de preservação cultural para a prática religiosa africana.

Se, por um lado, os fenômenos religiosos influenciaram os acontecimentos históricos nesse país, por outro lado, esses mesmos fenômenos foram transformando-se de forma dinâmica pela realidade plural desenhada e vivenciada na terra de Santa Cruz, de tal modo que hoje é consenso que Deus não é brasileiro nem católico. Para fins de confirmação de mudança radical de paradigma, sobre a segunda afirmação, até o Papa Francisco, em entrevista ao fundador do jornal *La Repubblica*, Eugenio Scalfari, no dia 01/10/2013, afirmou: “E io credo in Dio. Non in un Dio cattolico, non esiste un Dio cattolico, esiste Dio” (Eu creio em Deus. Não em um Deus católico, não existe um Deus católico, existe Deus), (SCALFARI, 2013). A resposta do Papa Francisco pode ser estendida também para o Brasil e para os brasileiros. Embora o Censo de 2010 ainda registre a religião católica como majoritária em terras brasileiras, os estudiosos estão cada vez mais convencidos de que a Terra de Santa Cruz não é mais majoritariamente católica. O Brasil vem vivenciando nas últimas décadas um pluralismo religioso (ainda que tímido).

A partir do que foi apresentado até o momento, é possível constatar que o pluralismo cultural e religioso está estabelecido no Brasil. Nesse país, as

Assembleias de Deus, uma igreja na sua essência plural, encontram-se em franco crescimento. Este, por sua vez, aconteceu, sobretudo, motivado pela doutrina da pneumatologia, especialmente pela ênfase no batismo com o Espírito Santo. A seguir, será apresentado de forma mais desenvolvida uma breve introdução à pneumatologia das Assembleias de Deus.

2 A PNEUMATOLOGIA DAS ASSEMBLEIAS DE DEUS: BREVE INTRODUÇÃO

2.1 Batismo no Espírito Santo

O batismo no Espírito Santo, provavelmente, é o tema que mais desperta o interesse dos pentecostais. Em todas as comunidades esse tema recebe uma especial atenção. A experiência do batismo no Espírito, foi a razão da discórdia na comunidade batista de Belém do Pará, que teve como consequência o nascimento das assembleias de Deus. Compreender a centralidade desse tema para os pentecostais ajuda a entender melhor esse movimento. Toda pessoa, ao se tornar membro de uma comunidade pentecostal, em qualquer lugar do mundo, será incentivada a buscar essa experiência. Não se pode falar em pneumatologia no pentecostalismo sem abordar o tema do batismo no Espírito Santo. Afinal, o que é o batismo no Espírito Santo? Qual é a importância desse fenômeno para a vida cristã? O que caracteriza um cristão batizado com o Espírito Santo? As respostas para essas perguntas são fundamentais para compreender as pneumatologias assembleianas.

Inicialmente, é bom lembrar que a expressão “batismo no Espírito Santo”, assim nomeada não pode ser encontrada na Bíblia. Wyckoff explica que a referida expressão “tem a sua origem na fraseologia semelhante empregada pelos escritores bíblicos. Os três escritores dos evangelhos sinóticos relatam a comparação que fez João Batista entre o seu trabalho de batizar em águas e a obra futura de Jesus (Mt 3.11; Mc 1.8; Lc3.16)”. E mais, “Lucas emprega a terminologia pela terceira vez em Atos 11.16 ao narrar como Pedro interpretou a experiência na casa de Cornélio.

Explicando aos crentes em Jerusalém como Cornélio recebeu o Espírito Santo, Pedro lembra-lhes as palavras do Senhor: sereis batizados no Espírito Santo”. Prossegue: “Parece que a terminologia se encaixava no pensamento de Pedro como perfeita para descrever a experiência de Cornélio ao falar em línguas”. Dessa forma, Wyckoff afirma que “a única diferença entre a expressão ‘batismo no Espírito Santo’ e as que aparecem nas referências bíblicas citadas é que aquela emprega a forma substantiva ‘batismo’, ao invés das formas verbais” (WYCKOFF, 1996, p.433).

O *Dicionário do Movimento Pentecostal* apresenta uma longa definição sobre o batismo no Espírito Santo:

A preposição “com” é a partícula grega em, que pode ser traduzida como “em” ou “com”. Da mesma forma, “batizados com água” pode ser traduzido “batizados em água”. Uma das doutrinas principais das Escrituras é o batismo no Espírito Santo. A respeito do batismo no Espírito Santo, a palavra de Deus ensina o seguinte: 1) O batismo no Espírito Santo é para todos que professam sua fé em Cristo; que nasceram de novo, e, assim, receberam o Espírito Santo para neles habitar. 2) Um dos alvos principais de Cristo na sua missão terrena foi batizar seu povo no Espírito (Mt 3.11; Mc1.8; Lc 3.16; Jo 1.33). Ele ordenou os discípulos não comecem a testemunhar até que fossem batizados no Espírito Santo e revestidos do poder do alto (Lc 24.49; At 1.4,5,8). 3) O batismo no Espírito Santo é uma obra distinta e à parte da regeneração, também por Ele efetuada [...] 4) Ser batizado no Espírito Santo significa experimentar a plenitude do Espírito (cf. At 1.5; 2.4). Este batismo teria lugar somente a partir do dia de Pentecostes. Quanto aos que foram cheios do Espírito Santo antes do dia de Pentecostes (e.g. Lc 1.15,67), Lucas não emprega a expressão “batizados no Espírito Santo”. Este evento só ocorreria depois da ascensão de Cristo (At 1.2-5; Lc 24.49-51; Jo 16.7-14) (ARAÚJO, 2014, p.118-119).

A longa definição apresentada pelo *Dicionário do Movimento Pentecostal* revela a centralidade dessa experiência, quando logo no início afirma ser o batismo no Espírito Santo uma das principais doutrinas bíblicas. Em seguida, reafirma que um dos principais objetivos de Jesus em sua missão foi batizar o seu povo no Espírito Santo. Em sintonia com isso, Bergstén afirma que “o batismo com o Espírito Santo é a maior bênção que Deus preparou para os salvos”. E mais, “assim como para os não salvos o mais importante é receber a salvação; para os que já são salvos, o batismo com o Espírito Santo é a experiência mais importante”

(BERGSTÉN, 2004, p. 5). É uma experiência central no pentecostalismo assembleiano. As ADs ficaram conhecidas especialmente pelo batismo com o Espírito Santo e o significativo valor que atribuem ao mesmo.

2.2 Os dons do Espírito Santo

A pneumatologia pentecostal enfatiza vivamente os dons espirituais ou carismas. Assim como o batismo no Espírito Santo, o tema dos dons é muito importante e está permanentemente presente no dia a dia da comunidade. O teólogo John Stott lembra que, quando os escritores do Novo Testamento falam sobre a igreja, geralmente eles contrastam unidade com diversidade. Ele afirma que “as duas características são obra do Espírito Santo” (STOTT, 2007, p. 91). O pentecostalismo brasileiro sempre enfatizou de forma significativa os dons do Espírito. O Novo Testamento apresenta pelo menos quatro listas de dons. Na primeira carta aos Coríntios 12, Romanos 12.3-8, Efésios 4.7-12 e ainda 1 Pedro 4.10-11. De forma curiosa os dons que a comunidade mais conhece e mais ‘busca’ são os chamados “dons espirituais”, listados na primeira carta aos Coríntios. São eles: a palavra da sabedoria, a palavra do conhecimento, fé, dons de curar, operação de maravilhas, profecia, discernimento de espíritos, variedades de línguas e interpretação de línguas. Apesar de o texto neotestamentário falar de outros dons, o pentecostalismo desenvolveu em sua pneumatologia, de forma específica, os dons supramencionados. Contudo, recentemente (2014), as assembleias de Deus brasileira dedicaram um trimestre para orientar seus membros em todo o país sobre os chamados dons espirituais e ministeriais. Em uma simples definição, pode ser dito o seguinte:

Do gr. Pneutikon, derivado de pneuma, “espírito” 1 Coríntios 12.1; 14.1,12. Uma das maneiras do Espírito Santo manifestar-se é através de uma variedade de dons espirituais concedidos sobrenaturalmente aos crentes (1 Co 12.7-11). Essas manifestações do Espírito visam à edificação e à santificação da igreja (1 Co 12.7; 14.26). Esses dons e ministérios não são os mesmos de Romanos 12.6-8 e Efésios 4.11, mediante os quais o crente recebe poder e capacidade para servir na igreja de modo mais permanente. Os dons aí tratados podem operar em conjunto, de diferentes maneiras (ARAÚJO, 2014, p.268).

Os dons espirituais, são, portanto, concedidos pelo Espírito de forma sobrenatural aos cristãos, com o objetivo de edificar a igreja. A comunidade pentecostal incentiva seus membros a ter uma a experiência do batismo no Espírito Santo, no primeiro momento. No segundo momento, essa mesma comunidade é incentivada a buscar os dons espirituais, que além de fortalecer a fé do indivíduo que possui o dom, também contribui para a edificação da fé dos demais.

2.3 O fruto do Espírito

A pneumatologia também deve refletir sobre o fruto do Espírito, que aparece como sendo uma nova maneira de viver e de se comportar no dia a dia. O cristão deve resistir à tentação de viver na *carne* e viver sob a direção do Espírito. Essa maneira de viver “se realiza no crente à medida ele permite que o Espírito dirija e influencie sua vida de tal maneira que ele (o crente) subjogue o poder do pecado, especialmente as obras da carne, e ande em comunhão com Deus” (ARAÚJO, 2014 p.324). Será descrito a seguir o fruto do Espírito, dentro da concepção pentecostal, nas suas respectivas subdivisões. São elas:

- 1) “Caridade” (gr. *agape*), i.e., o interesse e a busca do bem maior de outra pessoa sem nada querer em troca (Rm 5.5; 1 Co 13. Ef 5.2; Cl 3.14).
- 2) “Gozo” (gr. *chara*), i.e., a sensação de alegria baseada no amor, na graça, nas bênçãos, nas promessas e na presença de Deus, bênçãos estas que pertencem àqueles que crêem em Cristo (Sl 119.16; 2Co 6.10).
- 3) “Paz” (gr. *eirene*), i.e., a quietude de coração e mente, baseada na convicção de que tudo vai bem entre o crente e seu Pai celestial (Rm 15.33; Fp 4.7; 1 Ts 5.23; Hb 13.20).
- 4) “Longanimidade” (gr. *makrothumia*), i. e., perseverança, paciência, ser tardio para irar-se ou para o desespero (Ef 4.2; 2Tm 3.10; Hb 12.1).
- 5) “Benignidade” (gr. *chrestotes*), i. e., não querer magoar ninguém, nem lhe provocar dor (Ef 4.32; Cl 3.12; 1 Pe 2.3).
- 6) “Bondade” (gr. *agathosune*), i. e., zelo pela verdade e pela retidão, e repulsa ao mal; pode ser expressa em atos de bondade (Lc 7.37-50) ou na repreensão e na correção do mal (Mt 21.12,13).
- 7) “Fé” (gr. *pistis*), i.e., lealdade constante e inabalável a alguém com quem estamos unidos por promessa, compromisso, fidedignidade e honestidade (Mt 23.23; Rm 3.3; 1 Tm 6.12; 2 Tm 2.2; 4.7; Tt 2.10).
- 8) “Mansidão” (gr. *prautes*), i.e., moderação, associada à força e à coragem; descreve alguém que pode irar-se com equidade quando for necessário, e também humildemente submeter-se quando for preciso (2Tm 2.25; 1 Pe. 3.15; para mansidão de Jesus, cf. Mt 11.29; Mc 3.5; a de Paulo, cf. 2Co 10.1; Gl 1.9; a de Moisés, cf. Nm 12.3 com Ex 32. 19-20).

9) “Temperança” (gr. *enkrateia*), i. e., controle ou domínio sobre nossos próprios desejos e paixões, inclusive a fidelidade aos votos conjugais, também a pureza (1 Co 7.9; Tt 1.8; 2.5) (ARAÚJO, 2014, p.324).

O fruto do Espírito “é a maneira de exercer os dons. Cada fruto vem acondicionado no amor, e qualquer dom, mesmo na sua mais plena manifestação, nada é sem amor” (LIM, 1996 p. 493). Os dons e o fruto do Espírito estão, portanto, de certa forma relacionados. Ambos têm sempre a dimensão do serviço, da edificação e da difusão do Evangelho de Cristo. Dentro do contexto da teologia pentecostal, no entanto, o que se percebe em muitos dos tratados pneumatológicos é uma ênfase no batismo e nos dons do Espírito Santo e, às vezes, uma menção tímida ao fruto do Espírito, o que geralmente acaba deixando a pneumatologia rasa. A pneumatologia deverá apresentar o fruto do Espírito com a mesma ênfase do batismo no Espírito Santo e dos dons espirituais.

3 A Pneumatologia como fundamento teológico do diálogo Inter-Religioso para as Assembleias de Deus no Brasil

A proposta da presente pesquisa não trata especificamente de elaborar um compêndio de pneumatologia brasileira para o diálogo das religiões, mas sim de apresentar elementos extraídos da pneumatologia de teólogos protestantes, católicos e pentecostais, em vista de uma introdução do pentecostalismo brasileiro no diálogo das religiões. Como ficará evidente ao longo do texto, sobrepõem-se aqui as pneumatologias de Moltmann e Welker, que, sendo protestantes, apresentam uma perspectiva evidentemente bíblica e em sintonia básica com a tradição pentecostal e, por isso, podem oferecer elementos introdutórios para que pentecostais participem do diálogo das religiões.

3.1 Pneumatologia Trinitária

A experiência cristã de Deus é uma experiência essencialmente trinitária. A fé cristã está fundamentada em um único Deus, que é Pai, Filho e Espírito Santo.

No jogo das palavras do teólogo brasileiro Luis Carlos Susin, Jesus é o caminho para conhecer o Pai; o Pai e o Espírito são paisagens para conhecer o Jesus como caminho (SUSIN, 2007, p. 11-12). Mas, afinal, o que o teólogo de Caxias do Sul está querendo dizer com essa afirmação? Para Susin,

O Espírito é o ambiente, a fama, mas também o dom, a inspiração, a sintonia fina, a energia comum, enfim, o seio em que o Pai gera o Filho. Por isso, para conhecer bem a Trindade, é bom não esquecer que: Jesus é o caminho, o Pai e o Espírito são a paisagem. Paisagem sem caminho pode ser bonita, mas não permite andar. Em termos religiosos, isso significa praticar muita religião como rituais, culto, leis e obrigações, mas não seguir um caminho, não ser discípulo de um Mestre. Caminho sem paisagem é caminhar no deserto, sem orientação para onde ir. Isso significa ter de se esforçar muito no caminho de Jesus, mas dando voltas sem contar com as referências e inspirações do Espírito e sem a destinação e o rumo certo do Pai (SUSIN, 2007, 14-15).

O mistério da fé cristã reside nessa relação trinitária, que, diga-se de passagem, é uma relação original. Nos evangelhos, as narrativas descrevem a experiência trinitária do próprio Jesus, quando foi batizado. Enquanto os sinóticos começam com uma cristologia do Espírito, Paulo e João pressupõem essa mesma cristologia, contudo, enfatizam uma pneumatologia cristológica. Essa relação está, portanto, eminentemente presente no Novo Testamento. Contudo, trata-se de uma relação um tanto ignorada, especificamente nas comunidades do Ocidente. É ninguém menos que Moltmann que vai registrar essa denúncia na sua clássica obra “O Espírito da Vida”. Diz o eminente teólogo:

O reconhecimento de uma mútua relação objetivamente determinada entre a cristologia pneumatológica dos sinóticos e pneumatologia cristológica de Paulo e João tem sido amplamente ignorada pelas tradições da Igreja Ocidental. Os inícios da cristologia do Espírito nos movimentos reformadores cristãos chegaram até mesmo a ser combatidos. O Cristo ressuscitado deveria ser o único Senhor da Igreja e do Império cristão; o Espírito de Deus deveria ser unicamente o Espírito do Senhor, a ser transmitido exclusivamente pela hierarquia “espiritual” da Igreja e pelas ungidas majestades apostólicas do Sacro Império. A recordação do Cristo do Espírito, de seu sermão da montanha e de sua não violência na paixão tinham que ser reprimidas como “recordações perigosas”. A forma de repressão mais simples é o historicizar desta história de Jesus para o tempo anterior à cruz e à ressurreição, portanto, para um passado que se situa “antes” da presença do querigma da Igreja.

Mas com isto, o sentido canônico dos evangelhos, ao lado dos escritos apostólicos, deixa de ser atingido. Na verdade eles estão lado a lado e completam-se mutuamente na imagem de Cristo (MOLTMANN, 1999, p. 66).

A denúncia de Moltmann, à parte um certo exagero, registra que de fato as Igrejas do Ocidente nem sempre reconheceram essa importante relação. Entre os orientais, contudo, desde os Padres capadócijs, essa relação já fora enfatizada. O teólogo pentecostal americano Stanley Horton, na sua obra *A doutrina do Espírito de Deus no Antigo e no Novo Testamento*, dedica dois capítulos para falar da presença do Espírito de Deus na vida, no ministério e no ensinamento de Jesus. Horton destaca que, “embora as referências ao Espírito Santo no ministério de Cristo sejam muito relevantes, o evangelho de Lucas menciona o Espírito mais frequentemente nos dois primeiros capítulos do que em todo o restante do livro” (HORTON, 1993, p. 87). No entanto, é importante perceber que, na pneumatologia pentecostal, essa relação não passou despercebida, apesar de Horton não desenvolver uma cristologia pneumatológica, nem tampouco uma pneumatologia cristológica.

O reconhecido teólogo Robert Menzies, no livro “Pentecostes”, publicado recentemente no Brasil, dedica uma pequena seção com o título “Jesus e o Espírito”. Contudo, ao longo de toda a referida seção, Menzies menciona apenas o fato de Jesus ter sido ungido pelo Espírito. Essa menção tinha como objetivo estabelecer a relação entre a presença do Espírito na vida de Jesus e na vida dos discípulos depois do dia de Pentecostes. Na teologia pentecostal brasileira, um dado é surpreendente: na revista da Escola Bíblica Dominical do primeiro trimestre de 2001, que tinha por título “A Pessoa e a obra do Espírito Santo”, estudado durante três meses, em nenhum momento a relação entre o Cristo do Espírito e o Espírito de Cristo foi mencionada. Isso demonstra a necessidade de resgatar uma pneumatologia trinitária no pentecostalismo brasileiro.

O teólogo pentecostal das assembleias de Deus americana Amos Yong é franco ao afirmar que apenas uma teologia pneumatológica pode ser uma teologia

totalmente trinitária (Yong, 2003, p. 43)³. Essa abordagem, como já foi possível perceber, é absolutamente recente, principalmente no pentecostalismo. Porém, ao mesmo tempo que é recente, é urgente uma reflexão teológica séria e comprometida, que não deixe isolada a Terceira Pessoa da Trindade. Embora exista uma certa tendência entre os pentecostais em falar a respeito do Espírito de forma separada, esse não é o procedimento correto, de acordo com a Revelação da Escritura. O fato é que é “impossível falarmos de Cristo, de sua pessoa e de sua ação sem ao mesmo tempo falarmos de sua experiência de Deus e de sua experiência do Espírito de Deus” (MOLTMANN, 1999, p. 76). É necessário reconhecer sempre a mutualidade trinitária existente entre Pai, Filho e Espírito. Trata-se de uma relação profunda. Nas palavras de Moltmann,

O Pai gera o Filho em virtude do Espírito Eterno. O Pai sopra o eterno Espírito na presença do Filho. O Filho e o Espírito, segundo a imagem da palavra e do alento, procedem simultaneamente do Pai. Não existe nenhuma pós-ordenação de um em relação ao outro. Estaremos falando do Espírito quando falarmos do eterno nascimento do Filho a partir do Pai. Então, será possível percebermos as relações recíprocas entre o Espírito Santo e Cristo, o Filho, em suas múltiplas interações. Não são dois atos distintos em que o Filho procede do Pai e o Espírito é soprado pelo Pai. Antes o eterno ser-gerado do Filho pelo Pai e o eterno proceder do Espírito do Pai, apesar de todas as diferenças, são perfeitamente uma só coisa, de modo que Filho e Espírito não estão um ao lado do outro nem um depois do outro. Se o Espírito procede do Pai, então este proceder pressupõe o Filho, pois o Pai só é Pai em sua relação com o Filho. Se o Filho é gerado do Pai, então o Espírito acompanha a geração do Filho e se manifesta através dele. Mas isto só pode ser imaginado se o Espírito não apenas repousa sobre o Filho e não apenas se manifesta em sua eterna geração, mas se já a geração do Filho a partir do Pai é acompanhada pelo proceder do Espírito a partir do Pai. O Espírito não pode ser imaginado sem o Filho, o Filho não pode ser imaginado sem o Espírito (MOLTMANN, 1999, p. 76-77).

Como é perfeitamente possível perceber, para Moltmann, a relação mútua entre as pessoas da Trindade é o fundamento da teologia cristã. O Pai participa da vida do Filho, que, por sua vez, é ungido pelo Espírito. O pentecostalismo reconhece essa relação. No entanto, precisa explorá-la ainda mais. Essa relação, por sua vez, deverá ser sempre recíproca, para que se evite, de um lado, o

³To put it bluntly, only a genuinely pneumatological theology is a fully trinitarian theology (tradução do autor).

crismonismo e, por outro, a pneumatomonismo. A necessidade de aprofundar cada vez mais uma pneumatologia trinitária se dá, em primeiro lugar, pelo fato de ser esse um dado central para a fé cristã; em segundo lugar, especificamente no contexto dessa pesquisa, porque a reflexão trinitária contribui para uma teologia pentecostal das religiões. Antes, porém, faz-se necessário lembrar que essa abordagem pneumatológica acontece devido ao que está sendo dito a respeito da teologia trinitária. Nas palavras do teólogo belga Jacques Dupuis, “Sendo o Espírito Santo imprescindível ponto de inserção de Deus na vida dos seres humanos e dos povos, a sua ação imediata – que passa por cima do evento pontual de Jesus Cristo – abre o caminho para um modelo diferente de teologia cristã das religiões, um modelo não mais cristocêntrico, e sim pneumatocêntrico” (DUPUIS, 1999, p. 275). É nesse aspecto que Yong destaca o que foi afirmado anteriormente. Existem, na concepção do teólogo pentecostal, inúmeras vantagens de uma reflexão pentecostal das religiões. Contudo, lembra Yong, a mais importante é que tal abordagem tanto revigora como motiva a teologia trinitária (YONG, 2003, p. 42). Nesse contexto, portanto, o pentecostalismo entende a importância de tal reflexão, reconhecendo que a mesma apresenta aspectos positivos no diálogo com outras tradições religiosas.

3.2 A presença universal do Espírito de Deus

O tema da presença universal do Espírito de Deus é desenvolvido com clareza no versículo 7 do capítulo 1 do livro da Sabedoria. Contudo, pelo fato de esta pesquisa estar no horizonte pentecostal, a análise aqui desenvolvida ocorre a partir de outros fundamentos bíblicos, que igualmente demonstram antecedentes dessa presença universal, considerando que o sopro de Deus não estava restrito ao homem (cf. Gn 2.7), mas para todo ser vivente (cf. Jó 34.14-15). O Salmo 104.29-30 também faz referência ao Espírito como princípio criativo da presença de Deus. Considerando o sopro de Deus como sopro criador, o Espírito de Deus está agindo em toda parte (CONGAR, 2010, p. 288). Os pentecostais estão em pleno acordo com Yves Congar, na medida em que percebem perfeitamente o sopro de Deus em

cada ser vivente. E mais: esse sopro é criador. Portanto, o Espírito de Deus, além da sua presença universal, é ainda criador. É o Espírito que proporciona vida. Por isso, é o Espírito da vida.

O teólogo pentecostal David Mesquiati de Oliveira, em seu livro “Diálogo e Missão nos Andes” dedica um capítulo (6) para tratar da “atuação universal do Espírito Santo” (OLIVEIRA, 2016, p. 137). O teólogo capixaba é assertivo ao afirmar que “o significado universal de Cristo e sua mediação única estão necessariamente relacionados com a atuação do Espírito, que não conhece fronteiras” (OLIVEIRA, 2016, p. 141). A presença universal do Espírito de Cristo é algo constatável desde os primeiros momentos da criação. E o Espírito na sua atuação, não conhece fronteiras. Nesse sentido, pessoas de outras religiões podem experimentar de forma autêntica a ação do Espírito Santo. Nas palavras do supracitado teólogo assembleiano, é possível considerar “que práticas de outras religiões podem conter autêntica ação do Espírito Santo. Isso é verdadeiro, dado que só assim pôde ser ela expressa naquele contexto cultural e religioso. Não é propriamente o ato concreto (cultural, ético etc.) que se constitui em ação do Espírito, mas o que motiva o homem a realizá-lo” (OLIVEIRA, 2016, p. 150). E ainda arremata:

A ação universal do Espírito se derrama sobre todo o mundo. Pode ser comparado às águas que fluem continuamente, como em Eclesiastes 1.7: “Todos os rios correm para o mar e, contudo, o mar nunca se enche: embora chegando ao fim do seu percurso, os rios continuam a correr”; ou com o vento, em João 3.8: “O vento sopra onde quer e ouves o seu ruído, mas não sabes de onde vem nem para onde vai. Assim acontece com todo aquele que nasceu do Espírito”; em Atos 2.17, ratifica sua vinda sobre a cada de Israel, e amplia para toda carne: “Sucederá nos últimos dias, diz o Senhor, que derramarei do meu Espírito sobre toda carne. Vossos filhos e vossas filhas profetizarão, vossos jovens terão visões e vossos velhos sonharão”. O Espírito descera sobre as criaturas, convidando-as para a vida plena em Jesus Cristo (OLIVEIRA, 2016, p. 150-151).

O jesuíta espanhol Victor Codina também destaca os fundamentos bíblicos dessa perspectiva da universalidade do Espírito de Deus. Enquanto o Gênesis fala do Espírito que, nas origens, pairava sobre as águas, “como que a fecundá-las e dar-

lhes vida, (Gn 1,2); os livros sapienciais descrevem a presença do Espírito do Senhor, cujo sopro enche o mundo” (CODINA, 2010, p. 215). E mais: “O Espírito, que nos profetas faz alusão à renovação do coração (Ez 36, 26-27), não se limita a esta dimensão interior, mas se orienta à prática do direito e da justiça” (CODINA, 2010, p. 216). Portanto, encontra-se na Escritura o fundamento bíblico para a presença universal do Espírito de Deus.

3.4 O Espírito de Deus e a criação

A teologia pentecostal, especificamente no Brasil, não desenvolveu uma pneumatologia do cuidado com a criação, do meio ambiente. Nos principais compêndios teológicos pentecostais, embora a pneumatologia seja central, o aspecto da presença do Espírito na criação e, conseqüentemente, esse cuidado com o planeta, não está mencionado, tampouco sistematizado. Assim, a partir da Escritura e de grandes teólogos, a pesquisa aponta, desde a perspectiva pentecostal, uma pneumatologia a respeito da criação; e mais: uma pneumatologia da criação como ponto em comum com outras tradições religiosas no diálogo inter-religioso. E já se pode adiantar: na medida em que o Espírito de Deus está presente na criação, os cristãos devem ter um sólido compromisso de cuidar do planeta. Assim, independentemente da religião a que pertence, ou mesmo que não tenha religião, o planeta é a casa de todos e todas. Urge o pentecostalismo desenvolver uma pneumatologia do cuidado com o planeta e envolver-se nessa missão.

A fé cristã afirma o Deus criador. É consensual que o Deus Espírito participou diretamente da criação. Os estudiosos lembram que a concepção mais antiga do termo *ruah* certamente é aquela de cunho físico-cosmológico. Nesse aspecto, a *ruah* é principalmente um instrumento com o qual Iahweh realiza a salvação (SANTANA, 2015, p. 22). Assim, um significado que perpassa esse substantivo tem a ver com sopro. Esse sopro, conseqüentemente, é vital e criativo. O teólogo brasileiro Luiz Fernando Ribeiro Santana, sobre esse assunto, arremata:

Apoiados na revelação bíblica e no testemunho de alguns autores, tentaremos mostrar que o Espírito de Deus, desde a criação, já se apresenta como realidade dinâmica e operante; força capaz de gerar a vida, de operar em tudo o que existe e de manter em vida todos os seres. Por tudo isso, a ruah apresenta-se como uma realidade criativa sempre nova e atual. Conforme já assinalado, a noção e as categorias que o termo ruah pode sugerir ao longo do Antigo Testamento são inúmeras. Dentro desse grande leque, encontramos a ruah cósmica, que, por sua vez, também tem um vasto campo de compreensão, o qual se estrutura, basicamente, sobre a trilogia: sopro do vento, sopro do homem e sopro de Deus. Isso significa dizer que a noção de ruah cósmica abrange o conjunto dos elementos que compreendem as esferas cósmico-antropológico-teológicas (SANTANA, 2015, p. 22).

Para Santana, é, sobretudo, na Revelação bíblica que encontramos o respaldo necessário para a fundamentação da presença do Espírito de Deus na criação. Conforme o mesmo teólogo, grandes teólogos seguiram essa mesma perspectiva. Assim, é no relato de Gênesis 1.2, mais especificamente na segunda parte, em que o autor afirma que “o Espírito de Deus pairava sobre as águas”, que reside o texto central sobre a presença do Espírito no mundo, na própria vida e em toda a criação. Seguindo nessa mesma perspectiva, Leonardo Boff destaca:

A tradição judeu cristã atribui ao Pai, mas particularmente ao Espírito do Pai, a criação e a ordenação do universo. Coloca-o no começo (Gn 1,1; 2.7) e no fim (Ap 22,17). Como se diz belamente no livro da Sabedoria, “o Espírito enche o universo” (1,7), e como “Sopro [*Spiritus* em latim] incorruptível está em todas as coisas” (12,1). O Espírito é vida e é *vivificans*, quer dizer, “gerador de vida” como se reza no Credo. Se assim é, então podemos dizer que aquela Energia poderosa e criadora que estava antes do “antes”, a energia de fundo e o Princípio alimentador de todo o Ser era uma manifestação do Espírito Santo (BOFF, 2013, p. 187-188).

O teólogo Boff destaca em especial a presença do Espírito na criação e na ordenação do universo. O mesmo teólogo lembra que, se o Espírito é gerador da vida, então ele sempre esteve presente, não apenas na vida dos seres humanos, mas também na vida “das bactérias, nas plantas, nos animais” (BOFF, 2013, p. 188). Essa presença do Espírito na criação demonstra que o amor de Deus envolve não apenas o ser humano, mas todos os seres vivos, incluindo o meio ambiente. Assim, o cuidado com o meio ambiente é um capítulo indispensável dentro de qualquer pneumatologia que se proponha bíblica.

3.5 Justiça e a paz

O que se tem demonstrado ao longo dessa pesquisa são elementos pneumatológicos que contribuem efetivamente para a participação dos pentecostais no diálogo das religiões. São elementos suscitados pelo Espírito de Deus que promovem a unidade entre pessoas de diferentes comunidades de fé na busca de uma sociedade melhor, de uma convivência harmoniosa, de respeito, tolerância, justiça e paz. Os dois últimos aspectos serão objetos de dedicação nesse momento da pesquisa. O teólogo protestante alemão Michal Welker, na sua obra “O Espírito de Deus – Teologia do Espírito Santo”, dedicou-se a analisar esses aspectos pneumatológicos.

Welker se dedica a refletir sobre “o prometido Espírito da justiça e da paz”. Ele lembra que o Espírito de Deus foi originalmente experimentado como uma força que supera a ruína do povo e sua impotência política. Por essa razão, o teólogo alemão vai enfatizar que o Espírito não é apenas numinoso, mas é sobretudo, um poder que transforma condições reais de vida. Isso é perceptível de forma ainda mais clara com as tradições que falam do Espírito como promotor da justiça e da paz. Fundamentando-se em textos bíblicos como Is 11.1ss; 42.1ss e 61.1ss, o autor analisa a ação do Espírito de Deus que se dá num contexto concreto e de forma concreta. O portador do Espírito é sim possuidor de poder e autoridade. Nesse sentido, Welker está de acordo com a teologia pentecostal assembleiana, como das demais tradições cristãs, que também enfatiza a autoridade e o poder na vida do portador do Espírito. No entanto, Welker vai afirmar que esse poder e autoridade que o portador do Espírito possui

residem no fato de promover e difundir universalmente o direito, a misericórdia e o conhecimento de Deus. Todos os três textos, aliás, que tratam do descanso e da permanência do Espírito sobre o eleito de Deus não falam somente de direito, de misericórdia e de conhecimento de Deus, mas sobre a estreita relação entre essas três grandezas. Direito, misericórdia e conhecimento de Deus – ora, esses são os três elementos funcionais da lei de Deus (WELKER, 2010, p. 100).

O teólogo alemão enfatiza que o eleito de Deus é alguém que promove o direito, a misericórdia e a justiça. Aqui reside uma valiosa contribuição de Welker para a pastoral assembleiana, bem como para as demais igrejas que professam a fé em Cristo. Como já foi dito, a teologia pentecostal reconhece (embora nem sempre a enfatize) essa perspectiva do Espírito, como aquele que promove a justiça, o direito e a misericórdia. Falta essa ênfase da presença mais concreta do Espírito em meio à realidade da vida.

A teologia pentecostal das assembleias de Deus brasileira (não apenas desta, mas das outras igrejas cristãs) ganharia muito em assumir a “pneumatologia realista” de Welker e enfatizar o Espírito como promotor da justiça e da paz. A consciência de que uma piedade orientada pelo Espírito Santo não pode produzir relacionamentos públicos e comunitários sem a realização do direito e da misericórdia deve conduzir a pastoral das igrejas cristãs a explorar mais essa dimensão da realidade. A perspectiva de Espírito de Deus como promotor da justiça e da paz precisa aparecer com clareza nos manuais de pneumatologia das assembleias de Deus, bem como de todas as igrejas que professam a fé no Deus Espírito. Enfatizar essa perspectiva vai aprofundar a compreensão do Espírito de Deus e trazer uma enorme contribuição para a vida da comunidade. A relação com Deus depende dessa compreensão e vivência. Em última instância, como afirma categoricamente Welker, “um povo no qual não reinam nenhum direito e nenhuma misericórdia distorce e destrói a relação com Deus” (WELKER, 2010, p. 102). De fato, como é possível perceber já nas tradições proféticas, o culto é relativizado e esvaziado diante da injustiça e da ausência de paz.

3.5 Comunhão com todos

Poderia haver certo receio de se tratar da questão da “comunhão” nesta pesquisa. Surgiriam perguntas tais como: será possível pentecostais viverem em comunhão com pessoas de outras comunidades religiosas? Até que ponto pentecostais e irmãos de outras religiões podem viver em comunhão? A dúvida,

contudo, vai-se esvaindo ao perceber que numa fórmula cristã de bênção antiga era usada a expressão “A comunhão do Espírito Santo esteja com todos vós” (2 Co 13.13). Se a graça é atribuída a Cristo e o amor ao Pai, ao Espírito coube a “comunhão”. Nesse contexto, seria até mesmo contraditório imaginar que não é possível pentecostais, que são por natureza comprometidos com o Espírito de Deus, viverem em comunhão com pessoas de outras comunidades. Moltmann destaca que, “para a compreensão do Espírito mesmo, como também para a compreensão teológica da comunhão, é de decisiva importância se partimos de um conceito trinitário ou de um conceito unitário da comunhão do Espírito” (MOLTMANN, 1999, p. 207). Nessa pesquisa, já foi desenvolvida a compreensão de uma perspectiva trinitária do Espírito. Nesse momento, não poderá ser diferente. O Pai, o Filho e o Espírito vivem em estreita relação, logo, não se pode falar de comunhão do Espírito, desde o conceito unitário. É convicção pentecostal que o Espírito assume os homens em sua comunhão com o Pai e o Filho. Inicialmente, é interessante perceber a forma como Moltmann descreve a palavra comunhão:

“Comunhão”, assim podemos dizer ao escutarmos esta palavra, não faz violência nem toma posse, mas pelo contrário liberta e assume os outros nas relações próprias do seu ser. A “comunhão” abre uns para os outros, produz a participação de um no outro e cria respeito um pelo outro. A comunhão vive em participação mútua e do reconhecimento mútuo. “Comunhão” surge onde seres diferentes possuem algo em comum, onde coisas comuns são compartilhadas por seres diferentes. Existem comunhões baseadas numa relação objetiva comum, são as comunidades de interesse e de trabalho. Existem comunhões baseadas nas relações comuns das pessoas, são as comunhões de vida. Esta, certamente, é apenas uma distinção ideal e típica, como aquela entre sociedade e comunidade. Em toda comunhão concreta as relações objetivas e pessoais estão ligadas entre si. Mas os enfoques centrais podem variar. “Comunhão” existe não apenas entre iguais ou semelhantes, mas também entre desiguais e diferentes. Neste caso a mutuidade das relações não fica situada no mesmo plano. A fórmula da “comunhão do homem com Deus” designa uma comunhão entre desiguais e diferentes. Se for verdade que em si “os iguais só gostam de associar-se aos iguais”, como disse Aristóteles, então não pode haver uma comunhão do homem com Deus no sentido literal (MOLTMANN, 1999, p. 207-208).

As palavras do teólogo de Tübingen, que estão de acordo com a Escritura, removem toda dúvida que pairava sobre a necessidade de se trabalhar o tema da

comunhão nesta pesquisa. Se, de fato, “comunhão surge onde seres diferentes possuem algo em comum”, então, a premissa de que pentecostais podem (e devem) viver em comunhão com pessoas de outras comunidades cristãs e de outras religiões, é correta. O que faz essa premissa correta? Ao longo deste capítulo têm sido apresentados diversos elementos pneumatológicos que são comuns a todos os seres humanos e, por isso, tais elementos nos colocam em relação com pessoas de outras religiões. Ao se afirmar que os pentecostais podem viver em comunhão com irmãos de outras religiões, dentro desse contexto, fica claro e evidente que não se trata de pentecostais participarem da Eucaristia com os irmãos católicos e nem de participar de um culto com os irmãos da Umbanda ou do Candomblé. O diálogo das religiões não tem esse objetivo. Lembrando Moltmann, “comunhão surge onde coisas comuns são compartilhadas por pessoas diferentes”. E, nesse aspecto, é evidentemente possível e necessário a comunhão entre pentecostais e irmãos de outras comunidades religiosas, pois há muito em comum.

A comunhão é a própria essência do Espírito Santo, pois esse entra pessoalmente em comunhão com os homens que creem. E não apenas isto; além de estabelecer comunhão entre homens e mulheres, o próprio Espírito é o laço de comunhão do Pai e do Filho. Nessa relação entre o Pai, o Filho e os seres humanos, é possível compreender a comunhão como sendo trinitária. Dessa forma, Moltmann tem razão ao afirmar que “o Deus uno e trino, na unidade do Pai, do Filho e do Espírito Santo, é ele próprio uma comunidade aberta e acolhedora, na qual a criação inteira encontra espaço” (MOLTMANN, 1999, p. 208). O Jesus joanino orou: “Para que eles também estejam em nós” (Jo 17.21). A comunhão, portanto, não diz evidentemente respeito a um aspecto unitário essencial, mas deve ser compreendida de forma trinitária. Compreendida dessa forma, a comunhão perpassa o próprio Deus e se faz presente na vida humana.

A comunhão não é, sob nenhum aspecto, alguma coisa vivenciada no abstrato, mas trata-se, essencialmente, de uma experiência fundamental na vida. Experiência de comunhão “é experiência de vida, pois toda vida consiste na mútua

troca de meios de vida e de energias, e não mútua participação”. E ainda: “Não existe vida que não tenha suas relações de comunhão específicas. Uma vida isolada e sem relações, isto é, uma vida individual no sentido literal, uma vida não compartilhada, é uma contradição em si mesma” (MOLTMANN, 1999, p. 208). Nesse aspecto, é possível afirmar que uma vida que não se relaciona, que não vive em comunhão, acaba morrendo. Relacionamento, comunhão, vida, diálogo, pentecostalismo, Espírito, são palavras que estão profundamente relacionadas. Assim, conforme Moltmann,

A ausência total de relações é a morte total. Por isso a “comunhão do Espírito Santo” é apenas outra expressão para o “Espírito vivificante”. Deus Espírito cria na comunidade consigo, através de suas energias criadoras, a rede das relações de comunhão onde a vida surge, floresce e se torna fecunda. Sob este ponto de vista, a “comunhão do Espírito Santo” é a atividade criadora de comunhão do Espírito Santo. Vida surge da comunhão, e onde surgem comunhões que tornam a vida possível e a promovem, aí o Espírito de Deus está atuante. Onde surge comunhão de vida, aí há também comunhão com o Espírito vivificante de Deus. Criar comunhão é, manifestamente, a meta do Espírito vivificante de Deus no mundo da natureza e do homem (MOLTMANN, 1999, p. 209).

As palavras do teólogo alemão ecoam como um convite poderoso para todos os pentecostais ao diálogo das religiões: “Vida surge da comunhão, e onde surgem comunhões que tornam a vida possível e a promovem aí o Espírito de Deus está atuante”. O Espírito de Deus é o Espírito da vida, que deseja entrelaçar os humanos numa relação de comunhão, amizade e convivência harmoniosa. A vida depende dessa relação, pois “todos os seres criados existem não por si, mas em outros e por isso eles dependem uns dos outros. Eles vivem uns com os outros e uns para os outros e subsistem uns nos outros” (MOLTMANN, 1999, p. 209). Considerando que a proposta do Evangelho é de produzir “vida com abundância” e também que essa vida abundante passa pela comunhão, é tarefa do pentecostalismo brasileiro engajar-se na relação com outras pessoas. Ao fazer isso, os pentecostais estão enaltecendo o mais sagrado de todos os dons: a vida. E, “quanto mais ricas e complexas se desenvolverem as relações comunicativas entre os seres vivos e os homens, tanto mais viva e mais rica se demonstra a vida” (MOLTMANN, 1999,

p. 209). Portanto, é preciso que fique desde já evidente que, quando pleiteamos a necessidade de pentecostais viverem em comunhão com outras pessoas e seres vivos, trata-se da ideia fundamental de compartilhar o que se tem em comum, com o propósito de promover a vida, tornando-a mais viva e mais rica. Nesse aspecto, ninguém poderá sentir-se autorizado a dizer não ao convite do Espírito para viver em comunhão e promover a vida.

Considerações Finais

Ao concluir esse artigo, é possível afirmar teologicamente que a participação dos pentecostais assembleianos brasileiros no diálogo inter-religioso não é apenas algo que contribui para a própria fé, mas também que se trata de uma necessidade intrínseca à própria fé pentecostal. É algo que vem de dentro. Portanto, os assembleianos brasileiros podem dialogar com outras comunidades cristãs, porque são conduzidos pelo Espírito de Deus, que promove a unidade, essa traduzida em diálogo.

A cultura brasileira é plural. O reconhecimento do pluralismo cultural é não apenas algo que pode contribuir para quaisquer grupos, mas algo que parte de dentro da própria cultura brasileira, que não é homogênea nem etnocêntrica. Cada vez mais é necessário o reconhecimento do pluralismo cultural, que valoriza a riqueza e a singularidade de cada cultura em particular. E ainda: nenhuma cultura está sozinha, mas estão em relacionamento umas com as outras. A relação entre culturas, quando assumida de forma respeitosa, dialógica e fraterna, promove mais cidadania, harmonia e paz. Por essa razão, será necessário não apenas o reconhecimento da diversidade cultural, mas, sobretudo, uma relação entre as culturas. É na relação que o crescimento acontece de forma concreta.

O primeiro tópico demonstrou que o pluralismo cultural e religioso é uma realidade brasileira. A imagem desse país cheio de pessoas de diferentes culturas e religiões não pode ser vista como perigosa, fantasiosa, ou alguma coisa do mal. Certamente, um país em que as pessoas glorificam alegremente suas culturas e

religiões e descaracterizam e menosprezam as religiões e culturas do outro, isso sim soa como um perigo. Portanto, é absolutamente necessário o reconhecimento do pluralismo cultural e religioso no Brasil.

O segundo tópico trouxe de forma sintetizada a doutrina do Espírito Santo nas Assembleias de Deus. Foram apresentados os principais temas, tais como o batismo com o Espírito Santo, os dons do Espírito, o fruto do Espírito, entre outros temas. A pneumatologia está no coração das Assembleias de Deus brasileiras, sendo um dos principais temas dessa comunidade. Desde os primeiros anos, na comunidade, os membros são incentivados a viver uma experiência com Deus, que, geralmente, é evidenciada na experiência do batismo com o Espírito Santo, na manifestação dos dons do Espírito e no cultivo do fruto do Espírito.

A pneumatologia das Assembleias de Deus reconhece o Espírito Santo, como Deus criador, em profunda relação com o Deus Pai e com o Filho. O Deus trinitário que vive em relação e de relação. Nesse aspecto, já é possível perceber o que no capítulo cinco seria retomado como fundamento trinitário para o diálogo das religiões. O Espírito que vive em relação com o Pai e com o Filho e que envolve os seres humanos nessa relação. A teologia trinitária do pentecostalismo brasileiro é, portanto, um aspecto fundamental para o diálogo das religiões.

O terceiro e último tópico, portanto, fundamentou a introdução dos pentecostais assembleianos no diálogo das religiões. Esse diálogo será sempre assumido desde a perspectiva da fé cristã e em consonância com a Revelação de Deus. As Assembleias de Deus no Brasil podem, evidentemente, entrar em diálogo com as outras religiões, com o objetivo de viver profundamente a experiência do Espírito criador, cuja orientação é em direção ao Reino de Deus.

A partir da doutrina do Espírito Santo, as Assembleias de Deus poderão apresentar o tema do diálogo inter-religioso no Brasil para sua liderança e para seus membros. Na formação de pastores, nas convenções, nas conferências pentecostais, nas revistas da Escola Bíblica Dominical, no discipulado, nos

seminários, nas faculdades, em cada espaço possível, para orientação e incentivo da participação da comunidade no diálogo com outras tradições religiosas. Essa participação sempre se dará dentro do horizonte da fé. Seria até contraditório propor a participação dos pentecostais no diálogo das religiões (desde uma perspectiva pluralista/relativista), a partir da doutrina do Espírito de Deus. Sendo assim, concretamente, este texto pretende ser uma introdução pentecostal ao diálogo das religiões no Brasil.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2012.
- ALENCAR, Gedeon. **Assembleias Brasileiras de Deus: Teorização, História e Tipologia – 1911-2011**. 2012. 285f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2012.
- ARAÚJO, Isael. **Dicionário do Movimento Pentecostal**. Rio de Janeiro: CPAD, 2014.
- BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **Modernidade, pluralismo e crise de sentido: a orientação do homem moderno**. 3ed. Petrópolis: Vozes, 2012.
- BERGSTÉN, Eurico. A pessoa e a obra do Espírito Santo. **Revista da Escola Bíblica Dominical**, Rio de Janeiro: CPAD, primeiro trimestre de 2004.
- BOFF, Leonardo. **Fundamentalismo: a globalização e o futuro da humanidade**. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.
- BOFF, Leonardo. **O Espírito Santo: Fogo interior, doador da vida, e Pai dos pobres**. Petrópolis: Vozes, 2013.
- BOSI, Alfredo. **Cultura Brasileira**. São Paulo: Editora Ática, 1992.
- CABRAL, Elienai. **Movimento pentecostal – as doutrinas da nossa fé**. Rio de Janeiro: CPAD, 2011.
- CODINA, Victor. **Não Estingais o Espírito**. São Paulo: Paulinas, 2010.
- CONGAR, Yves. **Creio no Espírito Santo**. São Paulo: Paulinas, 2010.
- DA MATTA, Roberto. **O que faz o Brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1986.
- DUPUIS, Jacques. **Rumo a uma teologia do pluralismo religioso**. São Paulo: Paulinas, 1999.
- FREIRE, Gilberto. **Brasil, Brasis, Brasília**. Rio de Janeiro: Record Editora, 1968.

FREIRE, Gilberto. **Casa-grande e senzala**. Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 51ª Ed. São Paulo: Global, 2006.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1989.

GEFFRÉ, Claude. **De Babel a pentecostes**: Ensaio de teologia inter-religiosa. Tradução de Margarida Maria Cicchelli Oliva. São Paulo: Paulus, 2013.

GILBERTO, Antônio. **Verdades pentecostais**. Rio de Janeiro: CPAD, 2000.

HOFFMAN, Paul. Direito e diversidade. In: **Fórum social Mundial. Secretaria Internacional**. Porto Alegre – RS. Fórum Social 2003, v.1. Rio de Janeiro: Ibase, p. 60-78, 2003.

HORTON, Stanley. **A doutrina do Espírito Santo no Antigo e Novo Testamento**. Rio de Janeiro: CPAD, 1993.

HORTON, Stanley. **Teologia Sistemática**: uma perspectiva pentecostal. Rio de Janeiro: CPAD, 1996.

LARAIA, Roque de Barros. O conceito antropológico de cultura. In: SUESS, Paulo (org.). **Culturas e Evangelização**. São Paulo: Edições Loyola, 1991.

LIM, David. Os dons Espirituais. In: HORTON, Stanley. **Teologia Sistemática**: uma perspectiva pentecostal. Rio de Janeiro: CPAD, 1996.

MIRANDA, Mário França de. **A inculturação da fé**. Um enfoque teológico. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

MIRANDA, Mário França de. **Um homem perplexo**. São Paulo: Edições Loyola, 1989.

MOLTMANN, Jürgen. **O Espírito da vida**: uma pneumatologia integral. Petrópolis, Vozes, 1999.

OLIVEIRA, David Mesquiati de. **Diálogo e Missão nos Andes**: um estudo de teologia da missão latino-americana. São Paulo: SP: Garimpo, 2016.

PRANDI, Reginaldo. As religiões afro-brasileiras em ascensão e declínio. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Faustino. **Religiões em Movimento**. O censo de 2010. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

SANTANA, Luis Fernando Ribeiro. **Liturgia no Espírito**. Rio de Janeiro: Editora PUCRio, 2015.

SCALFARI, Eugenio. Papa Francesco a Scalfari: così cambierà la Chiesa "Giovani senza lavoro, uno dei mali del mondo". **La Repubblica**, Itália, 01 out. 2013. Disponível em: <http://www.repubblica.it/cultura/2013/10/01/news/papa_francesco_a_scalfari_cos_cambierà_la_chiesa-67630792/?ref=HREA-1>. Acesso em: 04 out. 2013.

STOTT, John. **Batismo e plenitude do Espírito Santo**. São Paulo: Vida Nova, 2007.

SUESS, Paulo. **Cultura e Religião**. In: SUESS, Paulo. (org). **Cultura e Evangelização**. São Paulo: Edições Loyola, 1991.

SUSIN, Luis Carlos. **Deus: Pai, Filho e Espírito Santo**. São Paulo: Paulinas, 2007.

TRACY, David. **A imaginação analógica**. – A teologia cristã e a cultura do pluralismo. São Leopoldo: Unisinos, 2006.

TYLOR, Edward. **Primitive Culture**. Londres: Harper Torchbooks, 1871.

ULLMANN, Reinhold. **Antropologia Filosófica**. 2.ed. Porto Alegre: EST, 1983.

WELKER, Michael. **O Espírito de Deus**. A Teologia do Espírito Santo. São Leopoldo: Sinodal, 2010.

WYCKOFF John. O Batismo no Espírito Santo. In: HORTON, Stanley. **Teologia Sistemática: uma perspectiva pentecostal**. Rio de Janeiro: CPAD, 1996.

YONG, Amos. **Beyond the impasse: Toward a Pneumatological Theology of Religions**. Baker Academic: 1st edition, mar. 2003.

YONG, Amos. **The Spirit Poured Out on All Flesh: Pentecostalism and the Possibility of Global Theology**. Baker Academic: EditionUnstatededition, jul. 2005.